

# A água em Alcobaça

Alcobaça é um exemplo interessante de constatação histórica de interação continuada entre o Homem, a água e o meio ambiente. Trata-se de um dos mais importantes e bem conservados conjuntos monásticos cistercienses e um dos mais sensíveis aos efeitos das cheias seculares.

A água foi determinante e condicionante do comportamento do Homem e da humanidade. Na Idade Média, o domínio e o controlo da água permitiu às comunidades monásticas em conjuntos edificados alcançarem um elevado grau de condições de higiene e salubridade. A estratificação da sociedade cisterciense e a hierarquização dos seus espaços, encontrava paralelo na gestão do seu sistema hidráulico, com a separação entre rios, levadas e condutas, com características físicas, caudais, cotas, controlos e riscos próprios e as suas finalidades distintas.

Os cistercienses, ao moldarem as pedras, a água, a luz e os sítios, numa harmonia mística, espiritual e terrena, criaram espaços fundamentais à vida das suas comunidades. A ligação à água foi uma constante nos seus mosteiros, sendo frequente aparecer traduzida na própria denominação da Abadia. Alcobaça torna-se num exemplo interessante de constatação histórica de interação continuada entre o Homem, a água e o meio ambiente. Trata-se de um dos mais importantes e bem conservados conjuntos monásticos cistercienses, com os seus registos e a sua memória, e também um dos mais sensíveis aos efeitos dos cheias seculares.

## A ÁGUA E OS CISTERCIENSES EM ALCOBAÇA

Alcobaça é rica na geologia e geomorfologia inerentes à sua formação, na hidrologia associada e na variedade de fronteiras e transições, da serra até ao mar, do maciço calcário às arribas fósseis, da meseta ibérica às orlas cenozoicas, com uma panóplia peculiar de simbioses e de salpicos de origem eruptiva.

Apresenta relevos e situações invulgares. É o caso da bacia hidrográfica que se estreita



Figura 1.

em apertada garganta como que para proteger Alcobaça dos ares do mar, mas cuja localização a torna perigosamente vulnerável às cheias de excepção, facto de que o autor não se tem cansado de chamar a atenção!

Em Alcobaça, os rios Alcoa e Baça aproximam-se em sentidos opostos e ambos rodam cerca de 90° antes de se unirem e correm para o vale tifónico nos Campos do Valado, serpenteando pela estreita e cavada garganta da Fervença. Ao fazerem-no, criam uma pequena plataforma aluvionar, resultado da acção conjunta dos seus caudais de transporte, fenómeno aumentado pela dificuldade de escoamento a jusante. Plataforma aluvionar bem enquadrada pela mãe-natureza, rodeada de montes aprazíveis, dotada de fundação rochosa e bem servida por duas linhas hidráulicas, com as cotas do Alcoa ligeiramente superiores às cotas do Baça, permitindo todo um sistema de Levadas e Levadinhas para as mais diversas fi-

nalidades tão caras e necessárias à Regra e à Ordem. Foi essa plataforma privilegiada que tentou as esclarecidas mentes cistercienses e as levou a escolher este sítio de excepção.

Doação de 1153, digna de ter sido das últimas em vida de S. Bernardo, cujo "trânsito" ocorreu pouco depois, há 750 anos.

A hidráulica monástica teve uma importância relevante na concepção, implantação, exploração e evolução da abadia, incluindo o conjunto monumental e "cerca". A compreensão da "filosofia cisterciense" e a constatação da importância do sistema hidráulico, da ocorrência de cheias acompanhadas de depósitos aluvionares substanciais, de movimentações artificiais de terras abrangendo áreas, volumes e recursos de monta, da mudança dos leitos dos dois rios Alcoa e Baça e da existência de "assentamentos diferenciais" em extensão no edificado, em consequência do efeito de cheias catastróficas, tudo revela que ao longo da história cister-

ciense de Alcobaça, houve evoluções notáveis e continuadas na arquitectura, na implantação e no arrumo dos edifícios abaciais e mudanças apreciáveis nas cotas úteis de construção e de utilização e nas topografias de partida e de modelação.

Os rios (alvo de controlos, contenções, construção de açudes e mudança de leitos), as levadas (com os seus engenhos, sistemas de regulação de caudais, ramificações e belos lagos e fontanários, alguns de duas bicas,

tar as zonas mais planas e de mais fácil edificação (facto continuado, mesmo hoje passado mais de meio-milénio e em pleno Século do Ambiente!). Cheias marcantes, houve-as em quase todas as épocas ao longo do registo da história cisterciense de perto de sete séculos, bem como os já perto de dois séculos seguintes, mostrando quão sensível foi a localização de Alcobaça.

A grande cheia de 1772, com movimentos de terras e assentamentos diferenciais no


náveis, mas nada parou o seu engenho criador. Na realidade, eles eram monges, agrónomos, técnicos hidráulicos e arquitectos/construtores.

### CONCLUSÃO

Em Alcobaça, a arquitectura cisterciense e a hidráulica monástica, como na maioria dos outros exemplos da Ordem, condicionam-se mutuamente. Ambas são "causa", ambas se tornam "efeito", num ritual e numa ligação indissociável, dependendo também da evolução geo-aluvionária da plataforma onde se desenvolvem e das peculiaridades dos climas mediterrâneos.

A vulnerabilidade às cheias, a topografia e as cotas de utilização modificadas, os depósitos aluvio-sedimentares e os aterros e movimentações de cariz artificial, as alterações dos leitos dos rios, a evolução que o conjunto monumental continuamente sofreu, os assentamentos de que padeceu no edificado, a pressão urbana asfixiante, o aproveitamento da rega e da força motriz hidráulica em épocas cisterciense e pós-cisterciense e o seu progressivo abandono e as diferentes filosofias de "reutilização" ou de conservação do património, tudo se conjuga para tornar Alcobaça um caso impar na história moderna dos conjuntos cistercienses.

A par da devolução dos rios e das linhas de água ao mosteiro e à cidade, da restrição absoluta construtiva nas bordaduras sedimentares e do acautelamento da existência de condições de escoamento e de infiltração na extensão da bacia hidrográfica, há ainda que desenvolver acções de sensibilização e de informação nesta área crítica, mas geralmente mal compreendida e aceite.

Problemas que também são de segurança patrimonial e das populações e que, em Alcobaça, a julgar pela riqueza e pelo risco envolvidos, em muito deveria transcender a revisão dos Planos Municipais e a tutela do Monumento Abacial e se tornar num caso de singularidade nacional. 

**PEDRO TAVARES,**  
Engenheiro consultor.

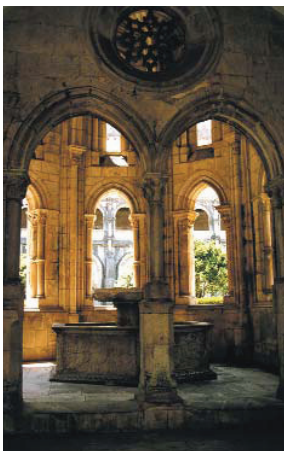


Foto 1: Lavabo.



Foto 2: Fontanário de uma bica.



Foto 3: Obelisco e espelho de água.

numa clara separação das águas) e a condução de água potável (em extensa e engenhosa caieira de pedra, com passagens, registos, pontos de inspecção e ventilação e distribuições diversas) todos convivendo em plataformas aluvio-sedimentares em evolução e formando um sistema de causa-efeito, revelam um modelo hierarquizado que foi altamente condicionante da criação e desenvolvimento do complexo cisterciense em todas as épocas. Modelo que também deixou marcas indeléveis no crescimento do tecido urbano da hoje cidade de Alcobaça, condicionando-o mais do que a grandiosa e também evolutiva matriz claustral.

As cheias e os depósitos aluvionares associados, perseguiram os cistercienses durante séculos. A Alcobaça secular e urbana cresceu à sombra do seu mosteiro (facto bem contrário à Regra inicial), ambos localizados como "rolhão" no "gargalo" de saída da bacia hidrográfica referida, tentando aprovei-

edificado, talvez tenha sido a catástrofe natural de maior impacto na vida cisterciense em Alcobaça.

Notável foi também o trabalho realizado a jusante, de regularização de caudais, de cheias, de depósitos e de controlo de irrigação dos vastos Campos do Valado, conjugado com os efeitos das marés. Onde outrora foi braço de mar com portos de navegação e depois zona pantanosa, no séc. XVIII atingiu o expoente de desenvolvimento hidráulico e agrícola em acções de amplitude, consequências e recursos dignos de competir com as mais modernas metas proporcionadas pelos fundos comunitários actuais.

Em Alcobaça, os cistercienses foram sempre elevando as cotas de funcionamento das suas partes edificadas. Deslocaram e contiveram o rio Alcoa (séc. XVI), muito provavelmente já tinham feito o mesmo ao rio Baça, criaram linhas de água novas, procederam a movimentações de terras inimagi-